

CAPÍTULO 4

O DESENHO INFANTIL COMO METODOLOGIA DE PESQUISA: “Colorindo” a Educação Física Escolar

*Ingrid Dittrich Wiggers
Aldecilene Cerqueira Barreto
Higor Ramos Ferreira
Mayrhon José Abrantes Farias*

1. Introdução: “desenhando frente e verso”

O desenho infantil representa uma maneira das crianças se comunicarem, demonstrando seus sentimentos e emoções. A partir dessa ideia, compreendemos o desenho como instrumento que permite às crianças revelarem sua percepção do ambiente, suas vivências e experiências. Ademais, o desenho também é considerado uma linguagem simbólica que se desenvolve em consonância ao pensamento e à imaginação das crianças (Vigotski, 2003). Nessa direção, o desenho é um produto da cultura infantil com sentidos e significados singulares, além de representar uma atividade lúdica por elas apreciada.

Nas pesquisas com crianças, os desenhos fornecem informações privilegiadas sobre o universo infantil, principalmente porque são produções geradas por meio da própria atividade das crianças. Desse modo, a partir de meados do século XX, o desenho infantil tem despertado interesse de muitos profissionais e pesquisadores de diferentes campos da ciência, como a Psicologia, Educação, Sociologia, Antropologia, História e Arte (Gobbi; Leite, 2002).

Na Educação Física, especialmente na área escolar, encontramos trabalhos utilizando o desenho como recurso metodológico, porém, isso ainda é pouco discutido (Wiggers *et al.*, 2017; Wiggers *et al.*, 2021). De outro modo, trata-se de uma abordagem que pode contribuir para a investigação de diversos aspectos relacionados às práticas corporais, como, por exemplo, a representação do corpo; a cultura corporal infantil, entre elas as brincadeiras, a dança, a ginástica e o esporte; além das interações das crianças com instituições e ambientes formativos, como a escola, a comunidade, a religião e a mídia. Assim, o desenho pode revelar como as crianças percebem o corpo, as maneiras como as crianças se expressam nas diferentes práticas corporais, de que forma se relacionam com essas dimensões, e também outras questões inerentes à área educação física escolar (Wiggers *et al.*, 2021).

Nesse capítulo, serão abordadas considerações teóricas e metodológicas sobre os desenhos na perspectiva da pesquisa qualitativa no campo da educação física escolar, bem como orientações quanto à produção, descrição, análise e interpretação de desenhos em pesquisas com crianças. Ressaltamos que tais contribuições são sistematizadas a partir das produções do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação, vinculado à Universidade de Brasília, cujos trabalhos se especializaram nessa abordagem. Em comum, esses representam uma tendência emergente articulada ao campo dos estudos da infância, pois consideram que as informações provenientes das produções visuais das crianças são significativas para a compreensão da perspectiva infantil sobre o mundo.

2. Considerações teóricas sobre a infância e os desenhos: “eu escolho esse daqui”

Conforme anteriormente assinalado, o desenho é considerado como fonte de acesso às culturas infantis, pois fornece informações sobre as experiências das crianças (Gobbi, 2009). Além disso, ele representa a produção cultural simbólica de um grupo social, que envolve não apenas valores, costumes e crenças, mas um sistema complexo de símbolos que dão significado e sentido à vida (Geertz, 2015).

O processo de produção simbólica das crianças acontece em diálogo com o mundo adulto. Ao mesmo tempo em que produzem a cultura infantil, as crianças reproduzem aquela transmitida pelos adultos. Quando elas se comunicam e interagem por meio do desenho, para além da produção e reprodução de cultura, as crianças exercem sua autonomia. Para Montandon e Longchamp (2007) isso não significa “poder”, mas a capacidade de tomar decisões relacionadas a elas, mesmo que seja necessário obedecer às regras. Dessa forma, a autonomia das crianças não as distancia de suas responsabilidades, mas permite que elas atuem como sujeitos ativos.

As crianças, portanto, se desenvolvem nas relações entre pares e também com os adultos (James; Prout, 1997; Corsaro, 2003). Nessa direção, o desenho infantil promove as crianças como agentes sociais, pois ao desenharem elas estão exercendo um protagonismo infantil (Corsaro, 2011; Barreto, 2021). Por conseguinte, o desenho pode ser compreendido não apenas numa perspectiva individual, mas como expressão de uma rede de significados na qual as crianças expressam elementos culturais, como valores e práticas sociais.

Nesse sentido, é necessária uma escuta sensível, além da observação cuidadosa do contexto onde as crianças se encontram. Sobretudo, essas considerações possibilitam às crianças participarem do processo de pesquisa, um critério central dos estudos da infância (Sarmiento, 2011; Gobbi, 2009).

Em adição, Meda (2014), destaca o desenho como registro documental da existência histórica, em diferentes contextos sociais, históricos e culturais. Assim, o desenho pode ser compreendido como portador de memória com sentidos e significados dados pelas crianças. (Gobbi, 2009). Ele é um instrumento que possibilita acesso às memórias de gerações passadas e nos informa sobre as crianças e a infância, a partir de uma perspectiva histórica (Wiggers; Soares, 2019).

Embora o desenho seja considerado uma forma de expressão, e ainda, uma fonte histórica, do mesmo modo pode ser visto como um instrumento de comunicação simbólica que vai além da linguagem escrita, verbal ou corporal. Neste sentido, Sarmiento (2011) destaca que os desenhos infantis comunicam, pois as imagens evocam e indicam de forma diferenciada o que está presente no mundo da criança. Por fim, destacamos que o desenho não é uma mera reprodução da realidade, mas uma interpretação subjetiva das crianças, a partir de suas vivências e experiências.

3. Pesquisas com desenho infantil na Educação Física: “do traço em movimento ao corpo colorido”

Conforme anteriormente assinalado, nesse capítulo são apresentadas orientações para o desenho infantil como metodologia da pesquisa com crianças na área de educação física escolar. Tais contribuições são sistematizadas a partir das produções do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação, que já produziu 27 trabalhos acadêmicos, desde 2003, sob essa abordagem, em nível de graduação e pós-graduação nos campos da Educação e da Educação Física¹ (Wiggers *et al.*, 2017; Wiggers *et al.*, 2021). O grupo se especializou em pesquisas com crianças, por meio de desenhos infantis, complementados por outras técnicas como as conversas com as crianças, observação de campo, fotografias, vídeos, formulários e documentos. Esse macro programa de pesquisa gerou aproximadamente 2.500 desenhos infantis, que foram organizados no formato de uma coleção composta por trabalhos acadêmicos, entrevistas com pesquisadores, fotografias, documentos e bibliografia especializada, além dos desenhos propriamente ditos (Wiggers *et al.*, 2021).

As pesquisas foram desenvolvidas em sua grande maioria em Brasília, abarcando Regiões Administrativas distribuídas por todo o território do Distrito Federal. Por sua localização prioritária na Região Centro-Oeste, as mesmas se destacam diante da desigualdade observada na área de educação física escolar, cujas produções ainda se concentram nas Regiões Sul e

1 Dissertações e teses podem ser encontrados no Repositório Institucional da UnB - RIUnB https://repositorio.unb.br/simple-search?query=Ingrid+Dittrich+Wiggers&sort_by=score&order=desc&rpp=10&etal=0&start=0 Monografias de graduação, por sua vez, estão disponíveis na Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da UnB - BDM <https://bdm.unb.br/simple-search?query=Ingrid+Dittrich+Wiggers>

Sudeste (Wiggers *et al.*, 2015; Cardoso; Wiggers; Ferreira, 2024). Todavia, alguns trabalhos de campo foram realizados fora do Distrito Federal como Florianópolis, São Luís, Tubarão, Campinas, e Comunidades Quilombolas de Goiás. Além desse alcance nacional, também registramos produções em nível internacional, como em Portugal, Alemanha, Suécia e Itália, esses últimos como frutos de intercâmbios.

Na maior parte, as pesquisas foram desenvolvidas em escolas ou instituições de educação infantil, com a participação de crianças entre 4 e 12 anos de idade. Ressalvamos que um pequeno número de trabalhos se deu em clubes esportivos ou na própria comunidade. Observou-se que quase todas as instituições integram o sistema público de ensino. Destaca-se ainda que, a maioria delas se localiza em zonas urbanas. Embora em pequeno número, há desenhos de crianças que vivem em zonas rurais, tanto no Distrito Federal como em Goiás, propiciando o desenvolvimento de estudos comparados (Wiggers; Flausino, 2011; Freitas; Praça; Wiggers, 2023).

Um dos aspectos mais significativos diz respeito aos temas geradores dos desenhos que compõem a metodologia daqueles trabalhos. Um repertório amplo foi verificado, a partir do qual se elaborou uma classificação de acordo com as categorias “brincadeiras”, “representação corporal”, “instituições e ambientes formativos”, “escola”, “mídia”, “comunidade”, “educação física” e “cotidiano”. Em razão dos desenhos subsidiarem pesquisas situadas na área de Educação Física em interface com o campo dos estudos da infância, as mesmas se alinham aos fenômenos investigados por esses campos.

A maior quantidade de desenhos foi intitulada de “Minha brincadeira preferida”, evidenciando tendências da cultura lúdica infantil (Farias; Freitas; Wiggers, 2019; Barreto; Freire; Wiggers, 2021; Farias; Wiggers, 2024). É possível observar por meio das representações, que as crianças assimilaram mudanças nos dispositivos midiáticos (Machado; Wiggers, 2012; Wiggers; Siqueira; Passos, 2014). Essas repercutiram nas produções gráficas das crianças, que em peças mais recentes desenharam, por exemplo, o aparelho celular como elemento de um instante retratado da aula de Educação Física. Por outro lado, percebem-se permanências nas representações, pois jogos esportivos, como futebol, e brincadeiras tradicionais, como pular corda, insistem em compor os desenhos das brincadeiras preferidas ao longo desses primeiros vinte anos do século XXI (Wiggers; Oliveira; Ferreira, 2018; Wiggers *et al.*, 2019; Tocantins; Wiggers, 2023).

Observamos ainda que as representações iconográficas das brincadeiras são afetadas por processos de socialização promovidos por diferentes instituições e ambientes formativos, como é o caso da escola, das mídias e da comunidade, os quais também foram objeto dos desenhos (Ribeiro; Siqueira; Wiggers, 2019; Farias; Wiggers, 2021). De certa forma, esses evidenciam a complexidade e amplitude da interação social das crianças. De um lado o

mundo mediado pelas relações sociais é o grande universo de aprendizado das crianças. De outro, sabemos que as crianças respondem às narrativas da sociedade, demonstrando interesses e imprimindo sentidos particulares aos significados consolidados, mediadas pelas experiências renovadoras que a educação, a cultura e a arte podem oferecer (Wiggers, 2005; Wiggers *et al.*, 2017).

4. Metodologia do desenho infantil em pesquisas com crianças em educação física escolar: “papel, lápis de cor e canetinha”

A experiência acumulada do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação, ao longo de 22 anos, foi articulada aos referenciais teóricos do campo dos estudos da infância, bem como a trabalhos sobre o desenho infantil como método de pesquisa no campo das Ciências Humanas e Sociais. Desse modo, sistematizamos aspectos quanto à produção, descrição, análise e interpretação dos desenhos.

As pesquisas com crianças devem considerar, preliminarmente, a relevância social do trabalho, garantir as relações éticas e buscar desenvolver uma coerência teórico-metodológica. Quanto ao delineamento propriamente dito, devem se organizar em torno de uma composição que contemple outros métodos, prioritariamente a oralidade. De acordo com Gobbi (2009), as conversas e os comentários das crianças sobre suas obras são essenciais para potencializar a análise e interpretação. Johnson, Pfister e Vindrola-Padros (2012) ratificam essa ideia tendo em vista os benefícios que foram propiciados às crianças a partir da combinação do desenho e da entrevista.

Além disso, os estudos podem acrescentar técnicas de cunho tradicional, como observação de campo, questionários, formulários e documentos, bem como outras mais recentes relacionadas a geração de dados visuais, como fotografias e vídeos, visando estabelecer uma correlação no processo de produção, análise e interpretação (Wiggers *et al.*, 2021). Esses recursos podem auxiliar no processo de registro dos detalhes das interações verbais e não verbais que ocorrem no momento da produção dos desenhos (Graue; Walsh, 2003).

Acrescente-se ainda o desafio de encontrar maneiras coerentes de fornecer às crianças condições de participação como protagonistas das pesquisas (Ferreira; Wiggers, 2023). Reconhecendo a diferença entre pesquisador e criança, Kosminsky (1998) destaca a necessidade de mudar o cenário estabelecido e realizar a pesquisa “no avesso” ou “ao contrário”, o que significa considerar a perspectiva da criança, sem, contudo, perder o ponto de vista do adulto.

4.1 Produção dos desenhos infantis

Durante a produção dos desenhos pelas crianças são necessários cuidados especiais. Um aspecto está relacionado ao tempo destinado a criação dos

desenhos. As crianças, diferentemente dos adultos, vivem os tempos *Kairón* e *Aión*, que representam a valorização da vivência e a intensidade da vida. Portanto, para as crianças, o ato de desenhar pode parecer não ter fim. Por outro lado, na rotina escolar a temporalidade é marcada pelo relógio, que indica o tempo *Khrónos* o qual se refere a um limite de duração das aulas e atividades (Barreto, 2021). Assim, cabe ao pesquisador procurar respeitar a organização da instituição onde está sendo realizado o trabalho de campo, sem, contudo, deixar de perceber essa singularidade das crianças.

Outro aspecto a considerar é a relação do pesquisador com as crianças, ou seja, ficar perto ou longe, observar o processo de confecção ou comentar sobre os desenhos. Para minimizar qualquer constrangimento às crianças, bem como não intervir em sua produção, recomendamos que o pesquisador se posicione de maneira reativa (Corsaro, 2003).

A relação das crianças com os seus pares durante a produção também pode influenciar a análise e interpretação dos desenhos. De acordo com Sarmiento (2011), existe o gesto individual criativo que se origina da imaginação das crianças. Contudo, apesar de ocorrer uma ação subjetiva durante a produção, as crianças compartilham conhecimento e podem imitar o desenho do outro (Corsaro, 2011). Todavia, “imitar não implica necessariamente ausência de originalidade e de criatividade, mas o desejo de incorporar objetos que lhe suscitam interesse” (Derdyk, 2010, p. 105).

Durante o trabalho de campo, os pesquisadores podem indicar um tema específico ou de cunho mais abrangente, além dos materiais a serem utilizados para confecção dos desenhos. Em outro caso, pode-se oportunizar os chamados “desenhos livres”, quando as crianças recebem uma folha e escolhem o que querem representar. Ressalve-se que elas poderão levar em conta ou não as orientações oferecidas.

Nessa etapa destacamos também a possibilidade de resistência das crianças para desenhar. Carvalho e Müller (2010, p. 66) afirmam que é importante “repensar a atuação do pesquisador tanto em seu caráter operatório-metodológico quanto ético”. Assim, compreendemos a necessidade do consentimento dos pais e do assentimento das crianças para participação na pesquisa. Mas, no momento da produção, é possível que haja alguma criança que se recuse a desenhar. Nesse caso é recomendado que se considere a vontade da criança. Pode-se solicitar que ela desenhe em outro momento. Esse procedimento é uma maneira de respeitar os direitos das crianças e sua autonomia.

4.2 Descrição dos desenhos infantis

Depois de recolher os desenhos dos participantes, o pesquisador se defronta com uma coleção iconográfica, que é inicialmente apropriada visualmente, um a

um, mas também em seu conjunto. Outrossim, os desenhos podem provocar uma reação de empatia e apreciação subjetiva que tende a dificultar uma compreensão do desenho mediada pelo referencial teórico-metodológico. Portanto, diante dos desafios interpretativos, que impõem a busca pelos sentidos e significados, considerando o contexto e a criatividade dos autores mirins, recomenda-se a descrição dos desenhos, que representa a transposição da linguagem visual para a linguagem escrita, superando o “silêncio” da imagem.

Ao abordar a natureza das informações referentes aos desenhos ressaltamos a importância da sua identificação detalhada. Desse modo, durante a descrição é conveniente apontar elementos como: autor do desenho, tema, título, quem nomeou o desenho e qual o material utilizado. Para facilitar a atividade descritiva, elaborou-se um protocolo, que pode ser aplicado como um guia do olhar do pesquisador (Quadro 1). Contudo, o mesmo não é um roteiro rígido e deve ser utilizado com a necessária flexibilidade para atingir os interesses e temáticas específicas de cada pesquisa e também considerando as particularidades de cada desenho. Esse instrumento permite que o pesquisador descreva os elementos visuais que estão retratados no desenho, propiciando a análise e interpretação.

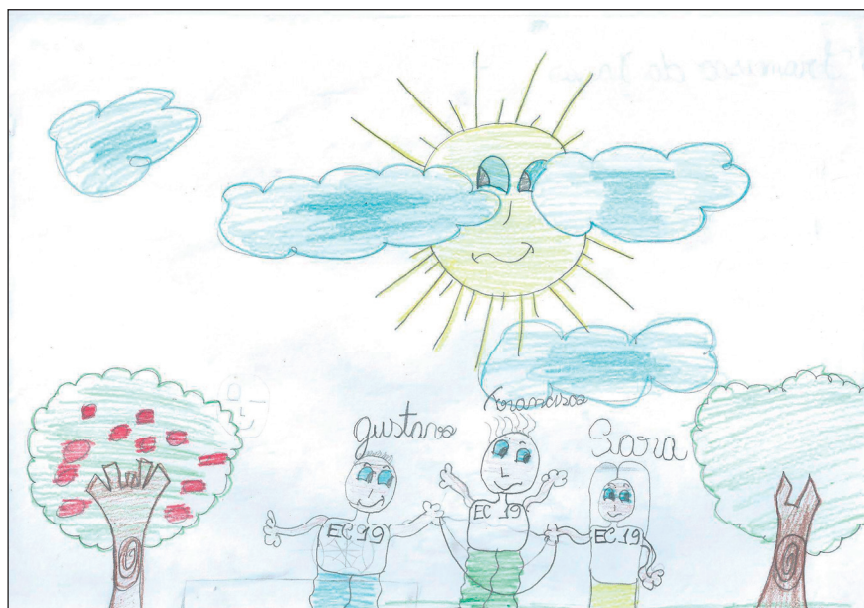
Quadro 1 – Protocolo de descrição dos desenhos infantis

Elementos do desenho	Descrição
Tema	Identificação do tema e elementos que o caracterizam.
Figuras	Figuras humanas, animais, elementos da natureza e objetos. Posição das figuras humanas, como, por exemplo, em pé, sentadas ou deitadas; de frente, de costas ou de perfil.
Cenário	Detalhes do contexto do desenho.
Distribuição no papel	Preenchimento do espaço, parte central, lateral (esquerda e direita), superior e inferior.
Enquadramento	Geral, americano, médio, primeiro plano e detalhe.
Perspectiva	Vista frontal, posterior, lateral (esquerda e direita) e superior.
Traços	Largos, estreitos, contínuos e tracejados.
Formas	Círculo, quadrado, triângulo, retângulo ou sem forma definida.
Cores	Cores utilizadas, cores repetidas, cores predominantes, intensidade ou ausência de cores.
Movimento	Tipo de movimentação representada ou sem movimentação.
Registros escritos	Títulos, frases, palavras, balões com falas, legendas, observações e letras

Fonte: Adaptado de Ferreira; Nunes; Wiggers (2023).

Conforme anteriormente assinalado, a maior parte das pesquisas desenvolvidas pelo Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação enfocou as culturas infantis, destacadamente as brincadeiras preferidas. Selecionamos um desenho desse tema para exemplificar a descrição, conforme o protocolo (Figura 1).

Figura 1 - Pular corda na escola



Fonte: Desenho de menino (9 anos), de uma escola de Ensino Fundamental de Ceilândia - DF (Machado, 2010). Coleção de desenhos do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação da UnB, nº 5.005.

O desenho acima representa a brincadeira de pular corda, com a participação de três crianças, sendo dois meninos e uma menina. Eles estão vestidos com o uniforme escolar, denotando o ambiente escolar e demonstrando o entendimento da criança sobre o tema proposto. O cenário é formado por árvores frutíferas, céu, nuvens e sol com rosto, bem distribuídos em todo o papel, onde as crianças foram posicionadas na parte central. O enquadramento é geral, com perspectiva frontal e traços contínuos. Não existe predominância de formas geométricas, além disso se observa o uso de diversas cores com sombreamentos e contornos. O desenho ilustra o movimento, por meio da corda com duas crianças segurando nas pontas e uma pulando no centro. Foram registrados os nomes de cada participante na parte superior de cada figura.

Como vimos, o protocolo propicia o aprimoramento da análise e interpretação dos desenhos das crianças, atentando-se a todos os detalhes, desde os cantos da folha até as características do traço, das formas e das cores utilizadas, no intuito de privilegiar uma descrição minuciosa de cada aspecto. Ressalte-se que o mesmo não tem a intenção de estabelecer diagnósticos e padrões de comparação sobre desenvolvimento de grafismo ou aspectos da motricidade e cognição.

4.3 Análise dos desenhos infantis em pesquisas com crianças

De acordo com Strauss e Corbin (2008, p. 25) “análise é a interação entre os pesquisadores e os dados”. Compreendemos que os dados correspondem às informações contidas nos desenhos infantis. Logo, durante a análise ocorre um diálogo entre o investigador e as informações representadas pelas crianças. Nesse processo é essencial que seja assegurado um rigor científico, além de criatividade para nomear categorias ou definir unidades de análise, bem como refletir, comparar e retirar das informações aquilo que seja significativo. Strauss e Corbin (2008, p. 124) destacam que “uma categoria representa um fenômeno, ou seja, um problema, uma questão, um fato ou um acontecimento que é definido como importante para os informantes”.

Com base nisso, apresentamos o processo analítico dos desenhos como dinâmico e minucioso, pois nesse movimento é oportuno compreender a lógica que está oculta à análise. Para tanto, é importante a utilização de técnicas e procedimentos que indicarão os fenômenos contidos nos desenhos (Strauss; Corbin, 2008). Essa ação é complementada por meio de elaboração de perguntas a serem feitas às crianças, bem como o uso de notas de campo, fotografias, gravações de áudio e vídeos.

Depois disso pode ser realizada a codificação das informações obtidas, que serão examinadas e comparadas. As dimensões e as propriedades dos acontecimentos desvendados nos desenhos são organizadas em categorias. Em seguida, são estabelecidas as possíveis relações entre elas. Por fim, compreendendo a análise dos desenhos das crianças como uma conexão entre os pesquisadores e as informações nele contidas, destacamos a importância de considerar o contexto sócio-cultural das crianças. Retomando a ideia de Sarmiento (2011), a análise e a interpretação dos desenhos associada a um método são fundamentais para o exame das informações obtidas.

4.4 Interpretação dos desenhos infantis em pesquisas com crianças

A interpretação dos desenhos pode ser considerada como o resultado ou a síntese da análise, que concerne na compreensão dos desenhos levando em conta a linguagem visual e o contexto sociocultural das crianças participantes (Bédard, 2013). Desse modo, a descrição e a análise fundamentam a interpretação das informações de teor subjetivo e o desenvolvimento dos resultados do trabalho científico (Strauss; Corbin, 2008).

Nessa direção, é necessário atentarmos para o fato de que ao interpretar os desenhos não estamos realizando apenas uma descrição detalhada para apresentar uma informação. Nesse momento, já estamos construindo uma teoria (Strauss; Corbin, 2008). Compreendemos que apesar de a interpretação não ser a teoria propriamente dita, ela é a base para sistematizá-la.

A análise é essencial para organizar ou classificar as informações preliminares dos desenhos em categorias, conforme anteriormente assinalado. Durante o processo de interpretação dos desenhos, por sua vez, definimos as propriedades e as dimensões de cada unidade de análise. Desse modo, os pesquisadores desenvolvem as várias interpretações que servem de base para a elaboração da teoria. A partir da ideia de ordenamento conceitual que indica a organização de dados em categorias diversas, apresentaremos um caminho para interpretação dos desenhos infantis nas pesquisas com crianças, visando à elaboração teórica (Strauss; Corbin, 2008).

A interpretação busca, com efeito, o sentido das representações, bem como de algo que está oculto no desenho. Sobretudo, o processo interpretativo dos desenhos traz sentido àquilo que foi percebido pelas crianças. Portanto, é pertinente escutarmos o que as crianças dizem, pois as narrativas complementam as representações gráficas (Derdyk, 2010). Os desenhos podem simbolizar uma variação sobre algo proveniente da imaginação das crianças, como uma ficção. Ademais, de acordo com Sarmiento (2011) os desenhos revelam as interações socioculturais, os sentimentos e as experiências das crianças.

5. Considerações finais: “posso desenhar no verso?”

Os desenhos infantis como metodologia de pesquisa com crianças na área de educação física escolar inauguram uma tendência emergente. Seu ineditismo no Brasil pode ser atribuído ao Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação, vinculado à Universidade de Brasília. Considerando a especificidade da Educação Física, que tem o seu enfoque curricular nas práticas e representações corporais, o desenho infantil possui uma heurística particular como metodologia de pesquisa. Da mesma forma, os estudos da infância se voltam para a compreensão das crianças a partir de suas próprias experiências, narrativas e significações, tornando-o um método relevante.

Recomendamos a combinação de técnicas aos desenhos, pois eles não são autossuficientes. Sua análise e interpretação depende do cruzamento de informações, que proporcionam distintos níveis de compreensão. Desse modo, é mister levar em conta uma orientação teórico-metodológica adequada. Reconhecemos, finalmente, que essa perspectiva representa um desafio, pois adentrar no mundo da imaginação infantil exige um confronto com a nossa própria criatividade enquanto adultos. Ao mesmo tempo, os traços e cores, tal como os temas e significados dos desenhos provocam um novo olhar sobre as crianças e sua cultura, nos estimulando ao diálogo.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Aldecilene Cerqueira; FREIRE, Juliana de Oliveira; WIGGERS, Ingrid Dittrich Wiggers. Corpo e educação nos tempos e espaços da escola: o que as crianças evidenciam quando brincam. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, Brasília, v. 8, n. 3, p. 180-189, ago. 2021.

BÉDARD, Nicole. *Como interpretar os desenhos das crianças*. São Paulo: Isis, 2013.

CARDOSO, Francisca Rayllyne Rodrigues; WIGGERS, Ingrid Dittrich; FERREIRA, Flávia Martinelli. Educação física escolar e crianças: a produção acadêmica na região Centro-Oeste do Brasil (2006-2021). *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, Brasília, v. 11, n. 3, p. 231-241, ago. 2024.

CARVALHO, Ana Maria Almeida; MÜLLER, Fernanda. Ética nas pesquisas com crianças: uma problematização necessária. In: MÜLLER, Fernanda (org.). *Infância em perspectiva: políticas, pesquisa e instituições*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 65-84.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORSARO, William. *We're friends, right? Inside kids' culture*. Washington: Joseph Henry Press, 2003.

CORSARO, William. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. Porto Alegre: Zouk, 2010.

FARIAS, Mayrhon José Abrantes; FREITAS, Tayanne da Costa; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Minha brincadeira favorita na escola: uma análise da cultura lúdica de crianças de São Luís - MA. *Nuances: Estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, v. 30, n. 1, p. 10-27, mar./dez. 2019.

FARIAS, Mayrhon José Abrantes; WIGGERS, Ingrid Dittrich. “É como se fosse um ringue de mentirinha”: brincadeiras de luta, cotidiano e culturas infantis na escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Uberlândia, v. 43, p. 1-8, 2021.

FARIAS, Mayrhone José Abrantes; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Análise ortogonal do brincar e do brigar: cotidiano e práticas corporais infantis. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 1-20, jan/mar. 2024.

FERREIRA, Flávia Martinelli; WIGGERS, Ingrid Dittrich. “É que eu sei um diferente, que voa mais”: a construção de brinquedos como técnica de pesquisa com crianças. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 104, n. 20, dez. 2023.

FERREIRA, Higor Ramos; NUNES, Anielly Luiza Silveira; WIGGERS, Ingrid Dittrich. “1, 2, 3 salve eu”: interpretando desenhos sobre brincadeiras preferidas. *Licere: Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 26, n. 4, p. 82-106, dez. 2023.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. Do “avesso” do brincar ou... as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(ens) social(ais) instituintes(s) das crianças no Jardim-de-Infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: ASA, 2004. p. 55-104.

FREITAS, Tayanne da Costa; PRAÇA, Thainá Rodrigues de Moura; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Minha brincadeira preferida: análise comparada de desenhos de crianças de uma escola do campo e uma escola urbana do Distrito Federal. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 246-256, mai. 2023.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2015. p. 4-21.

GOBBI, Marcia. Desenho infantil e oralidade. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 69-92.

GOBBI, Marcia; LEITE, Maria Isabel. O desenho da criança pequena: distintas abordagens na produção acadêmica em diálogo com a educação. In: LEITE, Maria Isabel (org.). *Ata e desata: partilhando uma experiência de formação continuada*. Rio de Janeiro: Ravil, 2002. p. 93-148.

GRAUE, M. Elizabeth.; WALSH, Daniel. J. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 115-156.

JAMES, Allison; PROUT, Alan. A new paradigm for the sociology of childhood?: provenance, promise and problems. In: JAMES, Allison; PROUT, Alan. *Constructing and reconstructing childhood*. London: Routledge Falmer, 1997. p. 7-33.

JOHNSON, Ginger; PFISTER, Anne; VINDROLA-PADROS, Cecilia. Drawings, photos, and performances: using visual methods with children. *Visual Anthropology Review*, v. 28, n. 2, p. 164-178, nov. 2012.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon. “Aqui é uma árvore. Aqui o sol, a lua. Aqui um montão de guerra”: o uso do desenho infantil na sociologia. In: *Cadernos CERU*. São Paulo, v. 2, n. 9, p. 83-100, fev. 1998.

MACHADO, Sheila da Silva. *Imagens da infância: mídias e suas representações em práticas corporais infantis*. 2010. 16f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física Escolar) - Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MACHADO, Sheila da Silva; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Imagens da infância: mídias e suas representações em práticas corporais infantis. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 15, n. 4, p. 966-984, out./dez. 2012.

MEDA, Juri. Los dibujos infantiles como fuentes históricas: perspectivas heurísticas y cuestiones metodológicas. *Revista Brasileira de História da Educação de Maringá*. Maringá, v. 14, n. 3 (36), p. 151-177, set./dez. 2014.

MONTANDON, Cleópâtre; LONGCHAMP, Philippe. Você disse autonomia? Uma breve percepção da experiência das crianças. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 83-104, jan./jun. 2007.

RIBEIRO, Álvaro Maurício Moura Paz; SIQUEIRA, Isabele Borges; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Infância e mídia-educação: um diálogo pensado a partir da experiência. In: VERSUTI, Andrea; MIER, Catalina; SANTINELLO, Jamile (orgs.). *Comunicação, educação e a construção do conhecimento*. Aveiro: Ria, 2019. p. 106-125.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO,

Patrícia Dias (orgs.). *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 27-60.

SOUSA, Emilene Leite de; PIRES, Flávia Ferreira. Entendeu ou quer que eu desenhe? Os desenhos na pesquisa com crianças e sua inserção nos textos antropológicos. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 27, n. 60, p. 61-93, maio/ago. 2021.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TOCANTINS, Geusiane Miranda de Oliveira; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Celular não é brincadeira: crianças e adolescentes discutem mídias e tecnologias digitais na vida cotidiana. *Cadernos de Aplicação UFRGS*, Porto Alegre, v. 36, p. 1-14, nov. 2023.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WECHSLER, Solange Muglia; NAKANO, Tatiana Costa. *O desenho infantil: forma de expressão cognitiva, criativa e emocional*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. Cultura corporal infantil: mediações da escola, da mídia e da arte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 26, n. 03, p. 59-78, mai. 2005.

WIGGERS, Ingrid Dittrich *et al.* Um “raio-X” da produção do conhecimento sobre educação física escolar: análise de periódicos de 2006 a 2012. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 831-845, jul./set. 2015.

WIGGERS, Ingrid Dittrich *et al.* A infância mediada: interfaces entre crianças e professores. In: ATHAYDE, Pedro; REZENDE, Alexandre (orgs.). *Produção de conhecimento na Educação Física: retratos atuais e cenários prospectivos*. Curitiba: Appris, 2017. p. 171-204.

WIGGERS, Ingrid Dittrich *et al.* Brincadeiras de “lulinha” e mídias: análise comparada da cultura lúdica infantil de São Luís - MA e de Brasília - DF. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 27, n. 4, p. 103-116, out./dez. 2019.

WIGGERS, Ingrid Dittrich *et al.* Colecionando desenhos e compreendendo as crianças: a experiência de organizar um acervo de desenhos infantis. *Revista Humanidades e Inovação*, Tocantins, v. 8, n. 33, p. 176-187, abr. 2021.

WIGGERS, Ingrid Dittrich; FLAUSINO, Michele Silva. Crianças, corporalidade e comunidades quilombolas. In: SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, José Luiz Cerqueira (orgs.). *Práticas corporais em comunidades quilombolas de Goiás*. Goiânia: PUC Goiás, 2011. p. 151-173.

WIGGERS, Ingrid Dittrich; OLIVEIRA, Mariana da Silva de; FERREIRA, Ivan Vilela. Infância e educação do corpo: as mídias diante das brincadeiras tradicionais. *Em Aberto*, Brasília, v. 31, n. 102, p. 1-15, maio/ago. 2018.

WIGGERS, Ingrid Dittrich; SIQUEIRA, Isabele Borges; PASSOS, Élia Raquel Alves. A infância da era das mídias: corporeidade em foco. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Uberlândia, v. 36, n. 2, supl., p. S156-S166, abr./jun. 2014.

WIGGERS, Ingrid Dittrich; SOARES, Carmen Lucia. Recreação e vida ao ar livre em parques infantis de São Paulo na coleção de desenhos de Mário de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 74, p. 302-322, dez. 2019.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização